

## O NASCIMENTO DA ÉTICA

*Antonio Macedo dos Santos*

Professor de Filosofia e Teologia na Faculdade Diocesana São José – FADISI e Filosofia na UFAC. e-mail: [profantoniomacedo@gmail.com](mailto:profantoniomacedo@gmail.com)

**RESUMO:** O texto aborda o tema da ética buscando delinear o processo que conduziu ao nascimento da disciplina na Grécia antiga. A metodologia do texto é de cunho bibliográfico, pois realiza uma pesquisa baseada em livros de grandes estudiosos a respeito do tema, tomando como basilar as reflexões do autor brasileiro Henrique Claudio de Lima Vaz.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ética. Ethos. Sabedoria. Religião. Práxis.

### INTRODUÇÃO

“Ética”, uma palavra mais abusada do que devidamente usada. O devido uso passa, sem dúvida, por uma devida compreensão. Um devido entendimento. Um dos vieses, o mais originário deles, para entender a Ética, é o filosófico. Meu objetivo ao escrever este artigo é caracterizar a ética como um conceito tipicamente filosófico.

De fato, ela o é. Todavia, de tanto se escutar o nome “ética”, temos às vezes a impressão de pensar que ela seja uma dessas coisas da vida que encontramos aqui e acolá à qual devemos tratar de alguma forma. Trata-la filosoficamente só se for estudante de filosofia.

Entretanto, o certo é que não é assim. Não foi a ética que apareceu para a filosofia. Foi esta última que a gerou e a deu à luz. Logo, toda Ética é Ética filosófica, primariamente. Portanto, para alcançar o objetivo acima exposto proponho responder à seguinte questão: Como se deu o nascimento da Ética?

Este texto se justifica na medida que realça o trajeto que a filosofia fez para transformar uma mole de usos e tradições numa disciplina organizada racionalmente. Conhecer o início de uma situação, de uma ideia ou de um conceito, torna-se essencial para compreendê-lo e poder atualizá-lo ao longo do tempo, ou melhor, no tempo presente.

Desde um ponto de vista estrutural, o artigo está dividido em três seções. Na primeira apresentamos o conceito grego de *ethos*. Na segunda a ideia de uma *sabedoria popular*, que podemos desde já caracterizar como um “saber ético” e que se localiza dentro da esfera do *ethos*. E na terceira e última chegamos ao conceito de Ética.

No que se refere a uma metodologia, decidimos balizar o nosso percurso nas reflexões do Pe. Henrique Cláudio de Lima Vaz, SJ, pois ele foi, como se reconhece nas Universidades brasileiras, um dos maiores entendedores da filosofia no nosso país e da ética em especial. Feitas essas notações introdutórias não resta outra coisa senão iniciar as reflexões.

## **O ETHOS**

*Ethos* é o comportamento de modo geral. De acordo com Vaz, na sua obra *Escritos de filosofia IV: introdução à ética filosófica I*, ele, o *ethos*, apresenta-se como um fenômeno histórico-cultural dotado de evidência imediata e impondo-se à experiência do indivíduo, tão logo este alcance a primeira idade da razão (VAZ, 2012, p. 37). Este fenômeno possui constantes que lhe são patentes. Estas por sua vez irão fornecer um substrato empírico às categorias fundamentais da Ética, quando esta for forjada.

Estas categorias são aquelas que a tradição filosófica consagrou com as expressões “vida no bem” (*eu zen*) e, como consequência desta, o “agir segundo o bem” (*eu pratein*), do qual deriva a “vida melhor” ou “mais feliz” (*eudaimonia*) para o agente ético e a “excelência” ou “virtude” (*arete*) de seu agir e de seu ser.

Conseqüentemente, o bem deve ser realizado não pela coação, mas pela persuasão. Todos estes termos pertenciam à moral grega tradicional e implicavam no seu conteúdo semântico a ideia de “bem” (*agathon*). De acordo com Vaz, este *Bem* será o eixo conceitual em torno do qual se constituíram os grandes sistemas éticos da tradição ocidental (VAZ, 2012, p. 38; ABBAGNANO, 2012, p. 442-447).

O *ethos*, possuidor destas mencionadas constantes, possui, de acordo com Vaz, um modo próprio de se manifestar. Possui traços que o caracterizam. O primeiro desses traços é a estrutura *dual* do *ethos*, isto é, a sua dupla face, social e individual. É vero que todo fenômeno tipicamente humano, não reduzível a fenômenos meramente biofísicos, sendo um fenômeno de cultura, é constitutivamente *social*. No caso do *ethos*, porém, a relação do *social* e do *individual* mostra-se dotada de características que deverão ser reconhecidas como próprias da esfera ética. Há uma transposição metafórica, muito cara aos antigos, que nos oferece uma primeira pista disso. Diz-se que o *ethos* é a morada do animal e passa a ser a “casa” (*oikos*) do ser humano. Não uma casa material que lhe proporciona fisicamente abrigo e proteção, mas a casa simbólica que o acolhe espiritualmente e da qual irradia para a própria casa material uma significação ainda mais humana, entretecida por relações de ordem afetivas, éticas e até estéticas, que ultrapassam finalidades utilitárias e o integram plenamente no campo da cultura (VAZ, 2012, p. 38).

O segundo traço do *ethos* é ser constitutivamente *tradicional*. De fato, o ser humano não seria capaz de refazer continuamente a sua morada espiritual. Trata-se de um legado – o mais precioso – que as gerações se transmitem pelo tempo e que mostra, por outro lado, uma não menos extraordinária capacidade de assimilação de novos valores e de adaptação a novas situações (VAZ, 2012, p. 38).

O *ethos*, ainda segundo as reflexões de Lima Vaz, não é uma grandeza cultural imóvel no tempo, mas, como a própria cultura, da qual é ele dimensão normativa e prescritiva, revela um surpreendente dinamismo de crescimento,

adaptação e recriação de valores. Ele está encerrado numa inter-relação entre *permanência e história*, que aparece como constitutiva do fenômeno ético e é responsável, por sua vez, pela forma com que o *ethos* socialmente se apresenta, ou seja, a forma do *costume* (VAZ, 2012, p. 42).

O costume, na sua abrangência e universalidade, é a forma com que a vida humana é vivida dentro de determinada tradição ética. A codificação do *costume* em leis e instituições assinala justamente um passo decisivo na evolução do *ethos*. A essa permanência do *ethos* na forma de costume, continua o renomado estudioso, correspondem a sua interiorização e permanência no indivíduo na forma do *hábito* (VAZ, 2012, p. 42).

Lima Vaz acrescenta ainda que o *ethos*, presente no indivíduo como forma concreta de vida, torna-se para ele o bem cultural que confere, afinal, significação plenamente humana a todos os outros bens da cultura. Nesse sentido, o *ethos* possuído pelo indivíduo como um costume, é *interiorizado* e assume a forma do *hábito*. O hábito é uma propriedade fundamental da *práxis* humana. O hábito é uma *aquisição* da pessoa. É uma aquisição intencional e consciente. Essas duas últimas qualificações diferenciam o ser humano, pois seu comportamento não é instintivo e puramente repetitivo – uma *repetição mecânica* – como o comportamento dos animais na natureza. A formação do *hábito* procede de uma *repetição qualitativa* dos atos que acabam configurando no indivíduo sua “segunda natureza” (VAZ, 2012, p. 42).

Assim como o *ethos*-costume tem sua duração no tempo assegurada pela *tradição*, o *ethos*-hábito é assegurado no indivíduo pela *educação*. Na *tradição* se escreve a historicidade do costume, na *educação* a historicidade do hábito. Há uma inter-relação entre tradição e educação, costume e hábito, *ethos* e *práxis*: do *ethos* a *práxis* recebe sua forma, da *práxis* o *ethos* recebe seu conteúdo. Nesse entrelaçamento, inter-relação ou imbricação entre a *práxis* e o *ethos* encontramos uma primeira formulação, ainda incipiente, do futuro conceito de Ética: a *sabedoria de vida* (VAZ, 2012, p. 43). Tema sobre o qual refletiremos a seguir.

## O SABER ÉTICO

De acordo com Vaz, a característica original da *praxis* humana reside, sem dúvida, no fato de que o homem não opera senão a partir do prévio conhecimento do objeto de seu operar. O conhecimento humano apresenta a propriedade singular de ser um processo de acumulação *qualitativa*, segundo o qual a realidade se reorganiza na mente numa rede de relações abstratas e em séries classificatórias, que tornam o conhecimento para o ser humano mais eficaz e poderoso instrumento de acesso ao mundo exterior, de presença ativa em meio às coisas (VAZ, 2012, p. 45).

Entre as formas de saber, aquela do *saber ético* se apresenta desde o início com traços inconfundíveis. São essas características que irão dar origem às categorias fundamentais da ética propriamente dita. O saber ético é uma propriedade fundamental do *ethos* que, como ele, é universal e, como ele, está já presente nas primeiras aparições históricas de grupos humanos. Não podemos assinalar a ela uma definida origem empírica, pois é intrínseco ao *ethos*, nas palavras de Vaz (2012, p. 46).

A passagem do saber ético à Ética é um evento cultural relativamente tardio em algumas civilizações e, esse sim, explicável documentalmente por alguma forma de crise a ameaçar o *ethos* daquelas civilizações. É necessário ter presente o fato histórico indiscutível de que a ética nasce no seio do *saber ético*. A tarefa que se propõem os fundadores da ética, especialmente Aristóteles, é a de encontrar uma nova forma lógica e novos fundamentos racionais para o saber ético, já codificado no *ethos* da tradição (VAZ, 2012, p. 46).

Todo saber humano é reflexivo, sendo esta a condição *a priori* para a afirmação da identidade ativa do sujeito expressa na forma lapidar, *Eu sou*. No caso, porém, do saber ético, conforme Vaz, a reflexividade, que acompanha o conhecimento *objetivo* do *ethos*, revela uma característica que lhe é própria e a distingue de todas as outras formas de saber reflexo. Essa característica pode ser entendida a partir de dois prismas.

Primeiramente, a *reflexão*, ou o voltar-se do saber para o sujeito, é aqui dirigida intencionalmente para o conhecimento do recesso interior, singular e intransferível do agente ético que o caracteriza como tal e o estabelece numa forma de relação de responsabilidade para com a realização do *ethos*. Noutros termos: “Conhece-te a ti mesmo”, injunção presente em diversas tradições éticas e que a trágica experiência grega elevou à condição de fundamento do saber, tendo como tal recebido em Sócrates aprofundamento decisivo e vindo a constituir um dos primeiros capítulos da nascente Ética (VAZ, 2012, p. 48).

O segundo aspecto ressaltado pelo autor brasileiro é como que a outra face do primeiro, e diz respeito à característica do conhecimento ético, que decorre da natureza de seu objeto como *bem*, ou seja, o que convém e é o melhor, assegurado como tal pela milenar experiência humana, depositada na racionalidade imanente do *ethos* e prescrito “autoritativamente” pela sua legitimidade social. É esse o aspecto que marca, talvez, mais profundamente a experiência ética dos indivíduos, traduzindo-se na interrogação sempre renascente sobre a necessidade do *dever*, sobre a natureza da obrigação moral, enfim, sobre a força inata e misteriosa do juízo de obrigação que nasce no mais íntimo do sujeito: *eu devo*. A relação de consequência moralmente necessária entre o bem e o dever constitui, justamente uma das estruturas fundamentais do saber ético e inspirará os dois grandes sistemas que dominam a história da ética: a ética do *bem* de Aristóteles e a do *dever* de Kant (VAZ, 2012, p. 48).

Antes de se canonizar numa forma específica ou canônica de transmissão e sistematização chamada Ética, o *saber ético* foi veiculado por séculos e mais séculos através de dois canais: a *religião* e a *sabedoria de vida*.

A religião é um fenômeno cultural no sentido mais amplo, compreendendo as crenças, os ritos, as prescrições rituais, os interditos e as práticas regidas por normas próprias de conduta. Embora esteja em curso, mesmo que em marcha lenta, uma separação entre o saber ético e as expressões religiosas, até hoje a religião permanece como eloquente portadora de mensagens éticas. De fato, não se concebe uma religião puramente ritualista, que

seria mais uma magia ou mesmo uma religião que não proporciona nos seus adeptos um fenômeno genuinamente ético, o da *conversão* (VAZ, 2012, p. 50).

A segunda forma privilegiada, segundo Vaz, de expressão do saber ético, é designada como “sabedoria de vida” ou mesmo “sabedoria”, correspondendo a um sentido primitivo do termo grego *sophia*, da qual o sábio, *sophos*, é o portador. A sabedoria de vida constitui a forma de linguagem própria do saber ético e, como a religião e o próprio *ethos*, sua origem se perde num passado mítico dos diversos grupos humanos que nela depositam os ensinamentos de sua milenar experiência e fazem dela a substância da *tradição ética* e o documento mais precioso da identidade cultural de cada grupo. A importância da *sabedoria de vida* como forma de saber ético para a futura constituição da Ética deriva do fato de que nela está condensada a racionalidade imanente, depurada pela experiência dos séculos que, sobretudo nas culturas mais avançadas, confere à conduta humana o predicado único de ser atributo do “animal possuidor do *logos*”, que é, ao mesmo tempo, razão e linguagem. Será essa racionalidade a fonte primeira e insubstituível do discurso explicitamente racional da Ética. *Razão e linguagem* são os dois registros pelos quais a sabedoria de vida é transmitida (VAZ, 2012, p. 52).

Neste caso, a razão é entendida na forma da razoabilidade ou da racionalidade prática. Ela encontra concretude na figura do sábio. Este é o modelo ou o paradigma da conduta ética. Ele aparece sob muitos perfis, às vezes revestido de lendas, em praticamente todas as culturas. Ele é um *arquétipo do inconsciente coletivo* e veículo insubstituível da transmissão do *ethos*. Decaído de sua função ética de outrora, nós podemos, de acordo com Vaz, vê-lo perseverando obstinadamente nessas formas degeneradas que se mostram na “idolatria” das estrelas do esporte ou da mídia ou mesmo manipulando as ideias políticas na figura dos ditadores totalitários que aqui e acolá aparecem pela história (VAZ, 2012, p. 54).

Já a linguagem, como observa o autor do *Escritos de filosofia*, é a expressão privilegiada da *sabedoria de vida*, presente nas diversas culturas e estilizadas em

formas típicas. Juntamente com a linguagem do *mito* e do *rito* na conservação e transmissão das crenças, a linguagem da *sabedoria de vida* na conservação e transmissão dos costumes aparece como uma das mais antigas obras da linguagem conservadas num paralelismo abissal entre os mais diversos grupos sociais (VAZ, 2012, p. 54).

A linguagem da *sabedoria de vida* aparece como a *memória ética* das culturas. Por este motivo a vemos perseverando tenazmente através dos tantos “tremores” da nossa história. Vaz continua sua reflexão e afirma que é ela, a linguagem, um dos meios mais eficazes para um estudo antropológico do *ethos*. Todavia, afirma o autor, ela também vem perdendo força, a sua força nativa, em meio a um oceano de linguagens artificiais do nosso tempo e de sua “instrumentalização ideológica sob o conceito ambíguo de ‘cultura popular’ (...) que denota inequivocamente um apagar-se da memória ética de nossa civilização, com as consequências que começam a ser dramaticamente sentidas” (VAZ, 2012, p. 55).

Convém recordar, já caminhando para a finalização deste tópico, que é como expressão universal da sabedoria de vida que o fenômeno ético fundamental da reciprocidade é formulado na chamada “regra de ouro”, implícita no conceito de *justiça cumulativa*, cuja forma positiva é consagrada nos Evangelhos “Tudo o que quiserdes que os homens vos façam, fazei-o também a eles” (Mt 7,12; Lc 6,31)<sup>1</sup> (VAZ, 2012, p. 55).

A religião e sabedoria de vida, como vimos, são os veículos de difusão social do saber ético. Todavia, esse saber ético é naturalmente vinculado a um *ethos*. Este, por sua vez, é contíguo com a cultura da sociedade onde se encontra. Dessa forma, todas as grandes criações artísticas, conceito que poderíamos até dissolver no de linguagem, são também expressões do saber e do ideal ético de uma sociedade. A arte, enquanto expressão do saber ético de seus problemas e

---

<sup>1</sup> Existem formulações diversas para esse dito de Jesus. Na verdade, a Babilônia já conhecia esse ditado, mas na sua forma negativa. A forma positiva é original de Jesus. Interessantes reflexões sobre este versículo bíblico podem ser encontradas em Dumais (1999, p. 345-367) e em Luz (2007, p. 574).

de sua evolução, mostra-se extremamente significativa no caso da *arte literária*, sendo a literatura notoriamente um dos espelhos mais fiéis da vida ética de uma sociedade (VAZ, 2012, p. 55).

Vaz percebe, nos dias de hoje, uma separação, e mesmo um conflito, entre arte e moral. Esta separação ou este conflito revelam justamente a crise e fragmentação dos paradigmas éticos tradicionais na cultura da modernidade. Por outro lado, a própria *sociedade*, na sua organização, instituições e costumes, não é senão, o corpo histórico do *ethos* e foi justamente como cura da “enfermidade” desse corpo de Atenas do século V que Sócrates finalmente criou a Ética (VAZ, 2012, p. 55).

## A ÉTICA

A Ética se origina, então, do *saber ético*. Ela não é, em suma, senão o próprio saber ético de determinada tradição cultural que, numa conjuntura específica de crise, *crise do ethos*, recebe uma nova expressão tida como capaz de conferir-lhe uma nova e mais eficaz força de persuasão, no momento em que suas tradicionais expressões, a *religião* e a *sabedoria de vida* perdiam pouco a pouco a credibilidade (VAZ, 2012, p. 56). Mas o que há de novo nessa nova expressão?

Ela adotará uma nova forma de *linguagem*, a linguagem do *logos demonstrativo* ou da *ciência*, que se impunha como novo e triunfante referencial *simbólico* em função do qual pouco a pouco se reorganizava o mundo da cultura. O nascimento da Ética se insere, portanto, segundo Vaz, nesse grande movimento de transformação da cultura grega nos séculos V e IV que antecipa, de alguma maneira, o destino do mundo ocidental. Se considerarmos que o *logos demonstrativo* em sua expressão formal virá a constituir o que se chama propriamente Lógica, pode-se afirmar que a Ética terá como estrutura fundamental a lógica explicitada e formalizada da linguagem do saber ético e a aplicação do conteúdo deste saber (VAZ, 2012, p. 56).

É esse o primeiro e decisivo passo a ser dado tendo em vista a reta compreensão da natureza Ética. Por sua própria finalidade de saber normativo, indicativo e prescritivo do agir humano, o *saber ético* é um saber antes *vivido* do que *pensado* nas inúmeras vicissitudes da vida humana, decantado no correr dos séculos pela longa experiência dos homens. É a esse saber que a Ética se propõe a pensar. Assim sendo, o *saber ético* recebido pela Ética não pode, como o saber da *natureza*, submeter-se a um novo radical começo<sup>2</sup>.

A criação da Ética é socrática. Faz parte da revolução que o mestre de Platão operou na filosofia, a reviravolta antropológica, que Reale sintetizou na expressão “A descoberta do Homem” (REALE, 2007, p. 71).

A tradição do *ethos* grego trazia consigo uma interrogação aparentemente sem resposta do *domínio* do homem sobre seu próprio agir no qual consistia, segundo a opinião comum, ser livre e, por conseguinte, responsável pelos próprios atos. Essa interrogação se agudiza com o advento da *individualidade*, visível já nos primeiros poetas líricos, como observa e detalha Jaeger (2013, p. 148-175).

Surge, então, o problema: Como pode a livre individualidade conviver com a fatalidade do Destino (*Moria*)? A luta da liberdade com o Destino é o cenário grandioso onde se desenrola a prodigiosa criação literária da tragédia antiga, último passo no caminho da criação da Ética. Efetivamente, é interessante se interrogar como fazer com que se conviva a universalidade cega do Destino com a universalidade luminosa da razão. A primeira oprimindo, como reflete Vaz, *a partir de fora* o indivíduo impotente. A segunda fazendo emergir *de dentro* o espaço de sua liberdade (VAZ, 2012, p. 63).

---

<sup>2</sup> Vaz vai mais além, e afirma que, havendo essa noção em mente, **sonhos** como a transvalorização de todos os valores ficam bem além dos olhos e se prestam apenas a brilhantes exercícios literários à margem da vida real. Do ponto de vista de efetiva realização histórico-cultural, são utópicos, insensatos. Outra coisa não fizeram esses exercícios, continua o autor, senão lançar “suspeição”, – ou mais suspeição – sobre os valores éticos consagrados pela experiência de séculos. Agiram apenas no auxílio de uma “desconstrução” – que já estava em curso – de tais valores, portanto (VAZ, 2012, p. 58).

Esta será uma questão capital. Sêneca chegará ao ponto de unir Destino e Razão: “Ducunt volentem fata, nolentem trahunt” (“O Destino guia quem o aceita, mas arrasta quem o rejeita”) (REALE, 2007, p. 286). A criação socrática da Ética só foi possível quando o *saber ético* superou este obstáculo e o do determinismo da *physis* imaginado por Demócrito. Essa superação ocorreu por dois procedimentos da *razão demonstrativa* que permitiam traçar com êxito um espaço *razoável* para o agir humano e, por conseguinte, explicar racionalmente a estrutura desse agir – individual e comunitário – e justificar as leis ou normas racionais que o devem reger.

Esses dois procedimentos, nos quais tem origem a ética como *ciência do ethos*, como a ciência do real, tem em vista, por um lado, estabelecer a *ciência do finalismo do Bem*, como superação da crença cega no Destino e, de outro, definir o âmbito das “coisas humanas” que estão sob o nosso arbítrio e que podem ser objeto de nossa responsabilidade ou, em outras palavras, de nosso agir ético, independentemente, a princípio, da roda da sorte (VAZ, 2012, p. 64).

A partir disso a vertente socrático-platônica da Ética tomará sobre si estabelecer racionalmente o *finalismo do Bem*. A vertente Aristotélica ocupar-se-á prioritariamente em circunscrever o mundo das coisas humanas. Aquele *finalismo do Bem* exprime a universalidade racional da Lei. Já este *mundo das coisas humanas* é o horizonte universal da Liberdade. Desta maneira, e com isso terminamos este terceiro e último ponto, a *práxis* ética se circunscreve no espaço de universalidade que resulta de uma conjunção entre Lei e Liberdade. Isto lhe garantirá exercer-se racionalmente na *particularidade* da situação, onde deve chegar a Lei e na *singularidade* das decisões, onde impera a Liberdade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar este artigo tinha o objetivo de apresentar a ética como um conceito tipicamente filosófico partindo da seguinte questão: Como se deu o

nascimento da Ética? Este objetivo foi alcançado na medida que as reflexões nos levaram às seguintes conclusões. Primeiramente, devemos entender a Ética como um resultado da intervenção filosófica, a partir de Sócrates, sobre os costumes sociais de Atenas.

Esses costumes eram genéricos e, em grego, a palavra que os indica é *ethos*. No *ethos* a religião e a sabedoria de vida são os dois canais que transmitem mais eficazmente os ensinamentos que a tradição já havia acumulado por meio do processo de repetição qualitativa. A Ética propriamente dita é um discurso racional acerca desses costumes. Ela se apresenta como um enfrentamento à questão do Destino, tão importante na cultura grega antiga. Não pode, por exemplo, Aquiles escapar ao seu Destino, nem Édipo. Mas Sócrates conseguiu formular racionalmente um espaço em que poderia confrontá-lo.

Essas reflexões servem mais como início, como instigadoras ao estudo dessa disciplina tão importante para a filosofia. Bastaria pensar o quão pouco foi abordado o conceito de Lei, ou o de Liberdade ou ainda o de Bem. Questões que podem ser sempre mais aprofundadas. Assim como a Ética nasceu de uma crise dos costumes, ela se recria nas suas crises. Daí a importância de pensá-la nas *crises* do presente, com a esperança de construir *critérios* para o futuro...

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. Trad. Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 6ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

DUMAIS, M. **Il Discorso della Montagna**. Torino: ELLEDICI, 1999.

JEAGER, W. W. **Paideia: a formação do homem grego**. Trad. Arthur Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2013

LUZ, U. **Vangelo di Matteo** (Vol. 1). Brescia: Paideia Editrice, 2006.

REALE, G. **História da filosofia antiga I: das origens a Sócrates**. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2002.

VAZ, H, C. L. **Escritos de filosofia IV: introdução à ética filosófica I**. 6ª. ed. São Paulo: Loyola, 2012.